

## Notas sobre a questão das rimas na tradução do *Orlando Furioso*

Pedro Garcez Ghirardi

É sabido que traduzir poetas clássicos é defrontar-se muitas vezes com o problema da transposição da rima. Isto é o que ocorre no *Orlando Furioso* de Ariosto. Construído em oitavas de decassílabos (ou hendecassílabos, pelo cômputo italiano), os versos de cada estrofe do poema se dispõem em rimas alternadas (os seis primeiros) e emparelhadas (os dois últimos).

A construção em oitavas, que será seguida por outros poetas, como Camões e Tasso, é fundamental no *Orlando Furioso*. Como procurei dizer na “Introdução” à minha tradução (Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*, Ateliê, 2002), a regularidade fundamental dessa construção da estrofe faz contraponto ao transbordamento fantástico das aventuras cantadas e permite, muitas vezes, desvios que tornam variado o ritmo do poema. Isso tem como efeito reproduzir, no plano da expressão, o permanente diálogo entre “razão” e “loucura”, diálogo que, como também procurei expor, é tema central do poema.

Cabe ao tradutor, portanto, tentar preservar essa construção da oitava, com todas as suas peculiaridades. Mas isto impõe, entre muitos problemas, o da transposição das rimas, que exige no *Orlando Furioso* atenção particular. Pois é sabido que este é um dos pontos em que a arte de Ariosto se revela magistral.

GHIRARDI, Pedro Garcez. Notas sobre a questão das rimas...

Não é possível agora tratar extensamente dos problemas que resultam da tentativa de encontrar em nossa língua soluções que possam ajudar o leitor a perceber algo da riqueza do original italiano. Para não ir muito longe, aqui me limitarei a dar poucos exemplos de dificuldades encontradas e de traduções propostas.

Tomemos, por exemplo, o episódio em que o velho Atlante dá conselhos a Rogério, jovem guerreiro que criou como filho. O jovem, que tinha futuro promissor, a certa altura se apaixona pela feiticeira Alcina, a quem fica inteiramente sujeito. Quando Atlante o encontra, Rogério havia trocado as armas guerreiras pelo colar e pelos braceletes dados pela amada. Então o velho o repreende, com amarga ironia, dizendo que o rapaz começara bem e que assim logo chegaria a ser grande herói, como Júlio César, Alexandre, ou Cipião. Os versos, em italiano, são estes:

*Questo è ben veramente alto principio  
onde si può sperar che tu sia presto  
a farti un Alessandro, un Iulio, un Scipio!  
Chi potea, ohimè, di te mai creder questo  
che ti facessi d'Alcina mancipio?  
E perché ognun lo veggia manifesto  
al collo ed alle braccia hai la catena  
con che ella a voglia sua preso ti mena.*

Que significa, neste caso, buscar solução correspondente ao original? À primeira vista poderíamos pensar, por exemplo, numa proposta que partisse do nome 'Cipião' (*Scipio*), que terá de ser mencionado. Assim chegaríamos a rimas pertinentes, como 'escravidão' (*mancipio*) ou 'elevação' (*alto*). Estaria resolvido o problema? Acho que não. Parafraseando Drummond, 'seria uma rima não seria uma solução'. Isto porque o original aqui envolve

rimas surpreendentes, raras, ao passo que em português as rimas em '-ão', como se sabe, são das mais comuns.

Era necessário, portanto, buscar também em nossa língua rimas incomuns. Isso levou a tomar como base não o nome de 'Cipião', mas o nome de 'Júlio' (César), também inevitável. A escolha acarretaria a necessidade de rimas em '-úlio', muito raras em português. O discurso de Atlante ficou, então, assim traduzido:

É dos mais altos teu começo! Emule-o  
Quem quiser, como tu, chegar depressa  
A ser Cipião, ou Alexandre, ou Júlio!  
Quem pode crer, oh, dor!, que isto aconteça,  
Que de Alcina sucumbas ao acúleo?  
E por que a servidão mais apareça,  
Tens no pescoço e braços a cadeia  
Com que ela a seu alvitre te meneia.

Exemplo semelhante da mestria de Ariosto no jogo de rimas e da dificuldade de traduzi-lo, é o que se encontra no canto VIII, 70. O poeta havia descrito o exército de Carlos Magno cercado pelos invasores, que começavam a incendiar as muralhas de Paris. Ameaçado, o imperador recorreu à força da oração. E diz o poeta que Deus lhe ouviu a prece, fazendo cair uma chuva torrencial. Salva-se a cidade e o imperador reconhece que as forças humanas nada podem sem ajuda celeste. O original é este:

*Il Sommo Creator gli occhi rivolse  
al giusto lamentar del vecchio Carlo,  
e con subita pioggia il fuoco tolse,*

*né forse uman saper potea smorzarlo.  
Savio chiunque a Dio sempre si volve  
ch'altri non potè mai meglio aiutarlo.  
Ben dal devoto re fu conosciuto  
che si salvò per lo divino aiuto.*

Deixemos outros aspectos da tradução desta oitava (como o adjetivo *savio*, que merece atenção pelo contínuo diálogo do poema entre razão e loucura) e fiquemos uma vez mais no caso da rima. Aqui Ariosto volta a trabalhar com rimas incomuns. A dificuldade maior está no caso do nome *Carlo*, posto no fim do verso, o que realça a importância da figura do imperador, como ponto culminante da hierarquia da Cristandade. Ora, em português não há rimas para 'Carlos'. Que fazer? Tirar o nome da posição final? Isto seria fazer perder o importante realce que a posição na oitava dá a esse nome. Substituí-lo por equivalentes, como 'imperador'? A vantagem seria a abertura de um horizonte de termos pertinentes para a estrofe ('Criador', por exemplo). Entretanto, mais uma vez, seria a tentação de optar pelas rimas fáceis, mas comuns, não equivalentes, portanto, à criação original.

A solução procurada levou em conta que o imperador é conhecido como Carlos Magno. Aparentemente, isso pouco ou nada resolveria, pois continuaríamos sem saída. Entretanto, é preciso lembrar que Camões apresenta justamente um caso de rima entre "Magno" e "estranho" (*Os Lusíadas*, IV, 32). Com este precedente camoniano, foi possível manter a referência a Carlos no final do verso e propor a seguinte tradução para aquela oitava:

O sumo Criador os olhos volve  
Ao justo lamentar de Carlos Magno;  
Extingue ao fogo a chuva e a terra encobre

(Não é dado ao mortal poder tamanho).  
Sábio é quem seu cuidado a Deus devolve:  
Terá melhor amparo que o de estranho.  
Ao pio imperador o caso ensina  
Que deve a salvação à mão divina.

Nesse mesmo canto, pouco adiante, achamos outro exemplo curioso de rima, que exige cuidado especial na tradução, a chamada “rima all’occhio”, ou seja, rima visual, mais que sonora. É a que encontramos no canto VIII, 82. Orlando, num pesadelo, aflige-se com a visão de sua amada Angélica que desaparece num vendaval. O original diz assim:

*Intanto l’infelice (e non sa come)  
perde la donna sua per l’aer fosco  
onde di qua e di là del suo bel nome  
fa risonare ogni campagna e bosco.  
E mentre dice indarno – Misero me!  
Chi ha cangiata mia dolcezza in tosco? –  
ode la donna sua che gli domanda,  
piangendo, aiuto, e se gli raccomanda.*

Nesta oitava, o verso 5 se resolve em uma rima visual, “all’occhio”. “Misero” e “me” são, em italiano, duas palavras, cada qual com sua própria tonicidade. Correspondem a “ai de mim!”. Entretanto, aqui, são tomadas como unidade visual (“miserome”), que cria a ilusão da rima perfeita com “come” (verso 1) e “nome” (verso 5). A tradução proposta, em português, procurou preservar esta característica. É a seguinte (grifei aqui a ocorrência):

GHIRARDI, Pedro Garcez. Notas sobre a questão das rimas...

E vê o mísero a dama que se some  
(Como, não sabe) na borrasca escura:  
Então, cá e lá, sai a gritar-lhe o nome  
Por veredas do campo e da espessura.  
– Infeliz! – vai gritando, eu *afflijo-me*.  
Pois quem mudou em fel minha doçura?  
Logo escuta, chorosa, sua dama  
Que pede auxílio e que por ele clama.

Enfim, um último exemplo. Neste a dificuldade é talvez ainda maior, pois a rima implica em trocadilho. O caso é freqüente em Ariosto e é dos que maiores desafios impõem ao tradutor. Lembro o final do episódio da taça mágica (canto XLIII, 44), que mais tarde inspirou, aliás, um conto de La Fontaine. Nesse episódio, Rinaldo é convidado a servir-se de uma taça extraordinária. O homem que a leva aos lábios e consegue beber é feliz no amor, pois tem mulher fiel; se tentar beber e derramar o vinho, estará sendo traído. Rinaldo recusa-se a fazer a experiência e o dono da taça o elogia por isso, dizendo que ele foi o único homem sensato dos muitos que já encontrou. O elogio está nestes dois últimos versos da oitava:

*Tu fra infiniti sol sei stato saggio,  
Che far negasti il periglioso saggio.*

Aqui Ariosto cria, nas rimas, um trocadilho entre dois sentidos da palavra italiana *saggio*: “sábio” e “experiência”. A dificuldade está em encontrar, na transposição, algum equivalente de duplo sentido que permita um trocadilho sem alterar o sentido do original. A tradução proposta foi esta:

Só tu, que não que a queres nem a provas,  
Entre mil, de ser sábio deste provas.

Os exemplos poderiam continuar, pois não há oitava do *Orlando Furioso* que não apresente alguma questão de grande interesse para a discussão, seja no tocante à rima seja a outros aspectos. Mas espero que o que ficou dito seja suficiente para dar alguma idéia da riqueza do original, das dificuldades da tradução e, principalmente, para animar alguns à leitura dessa obra-prima da literatura do Renascimento.

#### SOBRE O TRADUTOR

**Pedro Garcez Ghirardi**, titular de Literatura Italiana na USP, foi tradutor juramentado de Italiano e Inglês e trabalha há quase trinta anos como professor de Literatura e de Tradução. Traduziu, entre outros autores, Boccaccio e Maquiavel, tendo recebido o Prêmio Jabuti, em 2003, pela tradução do *Orlando Furioso* de Ariosto. É paulista e reside na Capital de São Paulo.